

Delfim vai negociar com os banqueiros

por Celso Pinto
de Brasília

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, embarca hoje para a Europa, devendo passar por Londres, Paris e Frankfurt até o final da semana. Fará o que já começou a fazer em sua última viagem, secreta, a Nova York: ativar com os bancos internacionais a negociação do "pacote" externo para o próximo ano. A viagem foi mencionada pelo ministro Camilo Penna e confirmada a este jornal pelo porta-voz do ministro, Gustavo da Silveira.

Os termos da negociação já estão delineados e o próprio processo já está detonado, embora o acerto final dependa do sinal verde do Fundo Monetário Internacional (FMI). A discussão ficará mesmo limitada ao próximo ano, não deverá envolver qualquer reescalonamento no pagamento de juros e estará atrelada ao fiel cumprimento das metas assinadas com o FMI.

Existe a idéia de uma renegociação ampla, política,

com a participação de personalidades que aliem experiência pública e de negócios, como o ex-embaixador Walther Moreira Salles, o banqueiro Olavo Setúbal ou o senador Roberto Campos, mas ela é apenas uma hipótese. A prática caminha na outra direção, mais uma vez sob o comando operacional do presidente do Banco Central, Carlos Langoni.

Na realidade, sabe-se que nem o Banco Central acredita em uma negociação que envolva três ou quatro anos nem os credores a aceitarão facilmente. "Não há hipótese de o Brasil ser tratado como caso especial", disse a este jornal uma fonte qualificada, com livre trânsito junto aos credores internacionais. "Qualquer concessão adicional seria seguida de pedidos semelhantes de outros devedores, e isto não seria admissível."

Os passos da negociação devem seguir um roteiro que inclui o FMI, os bancos e o "Clube de Paris". O Brasil está pedindo aos bancos um novo "jumbo" de US\$ 3,6 bilhões ainda pa-

ra este ano e cerca de US\$ 5,5 bilhões em novos empréstimos para 1984. Além disso, quer a montagem de um esquema semelhante ao "projeto 2" deste ano: a transformação dos US\$ 5,1 bilhões em amortizações devidas aos bancos, em 1984, em empréstimos de longo prazo.

Os bancos aceitam o "jumbo" deste ano e o reescalonamento das amortizações, mas não querem conceder mais de US\$ 4,8 bilhões em novos empréstimos no próximo ano. Se insistirem nesta posição, o Brasil terá de fazer um esforço ainda mais dramático de redução no déficit em transações correntes no próximo ano, através da obtenção de um superávit na balança comercial superior aos US\$ 9 bilhões já prometidos ao FMI.

Ao mesmo tempo, o Brasil negociará suas dívidas com entidades governamentais (como o Eximbank) no chamado "Clube de Paris". Trata-se de um "pacote" que envolve o reescalonamento do pagamento de US\$ 500 milhões em amortizações devidas ainda neste ano e mais US\$ 1 bilhão em amortizações projetadas para 1984. O governo brasileiro está otimista com esta negociação e pelo menos uma alta fonte econômica prevê que o processo esteja concluído até meados de setembro. A previsão do Banco Central é de um total de US\$ 7,7 bilhões em amortizações no próximo ano. Se derem certo as conversas com os bancos e o "Clube de Paris", o total cai para US\$ 1,6 bilhão em amortizações que terão de ser desembolsadas. É o caso de compromissos com entidades como o Banco Mundial (US\$ 428 milhões em

(Continua na página 12)

Três economistas de bancos estrangeiros estão em Brasília desde segunda-feira checando os novos dados do acordo com o FMI. Hoje, vão encontrar-se com o presidente do BC, Carlos Langoni. O total das linhas de crédito interbancário para o Brasil soma atualmente US\$ 6,036 bilhões, US\$ 21 milhões a mais do que na semana passada.